

NARCISISMO EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: UM DIÁLOGO ENTRE FREUD E MACHADO DE ASSIS

Eduarda Chemim Ferla (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Guilherme Elias da Silva (Orientador), Marco Antônio Rotta Teixeira (Coorientador), e-mail: ferlaeduarda@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/ Maringá, PR.

Psicologia e Psicologia Social

Palavras-chave: psicanálise, literatura, narcisismo.

Resumo:

Ao elaborar uma crítica à elite de sua época, Assis construiu em Brás Cubas o símbolo da vaidade burguesa. A narrativa sem barreiras morais que um homem já morto escreve, tem suas diferenças, permitindo que enxergássemos as verdadeiras intenções desse personagem mesquinho. Logo, para fazer a aproximação entre duas esferas que estudam e investigam a alma humana, esta pesquisa explorou elementos característicos de funções narcísicas – narcisismo enquanto uma fase do desenvolvimento, relações objetivas permeadas por características narcísicas, ademais o luto e sua relação com o narcisismo – estes presentes no decorrer da narrativa do personagem Brás Cubas. Ao aproximar a arte literária e a psicanálise, é possível que aquela seja utilizada como material para que os estudos psicanalíticos sejam melhor assimilados e vivenciados dentro do cenário acadêmico, portanto, a relação entre psicanálise e literatura também foi abordada. Para tal fim, foi realizada uma pesquisa teórica bibliográfica qualitativa, por meio do levantamento de materiais científicos e análise da obra estudada.

Introdução

Por meio da pesquisa bibliográfica qualitativa se buscou elencar elementos que relacionassem a literatura e a psicanálise, para tal fazendo uso da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas e do conceito de narcisismo em Freud. Pensando nisso, a pesquisa foi dividida de forma a elencar esses fatores em detalhes. O primeiro capítulo aborda a relação entre literatura e psicanálise, juntamente com um tópico que trata da escrita machadiana e em seguida a relação do escritor com a psicanálise. Para o segundo capítulo, elaborou-se o aprofundamento do conceito de narcisismo para Freud, explorando sua criação, sua importância dentro do desenvolvimento infantil e sua relação com o luto. Por fim, o terceiro capítulo relaciona os conceitos explorados no capítulo sobre narcisismo com a obra,

expondo aproximações por meio do uso da narrativa, contudo este ainda se encontra em andamento.

Materiais e métodos

O presente estudo se trata de uma pesquisa teórica bibliográfica qualitativa. Utilizaram-se plataformas consideradas válidas dentro da concepção de psicologia científica para a investigação de textos. Além disso, foram utilizadas produções do acervo literário de Sigmund Freud, bem como intérpretes e comentadores de sua obra. Para ilustrar o fenômeno a ser estudado fez-se uso da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis, e para tal além do texto original da narrativa foram explorados comentadores da obra e do autor.

Resultados e Discussão

De início, se faz necessário que voltemos nossa atenção para o narcisismo enquanto fase do desenvolvimento. Durante essa fase, toda a libido volta-se para o indivíduo a fim de constituir seu ego, que até então encontrava-se fragmentado, para que posteriormente, essa libido fosse retirada do ego e investida em objetos externos. Freud (1914/2010) afirmou que os pais cumprem um papel importante nesta fase, ao reproduzirem seu narcisismo abandonado na criança; a criança acha-se onipotente, e também os pais atribuem a ela toda a perfeição. Ao projetarem seu narcisismo no bebê, este, com seu futuro incerto, é visto como aquele que se tornará um grande homem no lugar do pai. Isso é visível na obra desde a infância de Brás Cubas até a morte do pai. A sensação que a obra passa é, que todas as conquistas de Brás - como seu diploma ou sua riqueza - não são vindas dele, mas sim do esforço do pai em concretizá-lo como o objeto narcísico que Brás era para ele.

Transitando na narrativa para sua história com as mulheres que passaram por ele, comecemos com Eugênia. Apaixonou-se pela moça, e a passagem é até interessante para o leitor, pois aparenta a primeira vez - pelo menos no ponto de vista da pesquisadora - que Brás Cubas genuinamente se apaixona. Com Marcela, seu desejo era muito mais em dizer que conquistara a moça mais popular da época, mas com Eugênia, acha-a bonita e educada de primeira vista. Contudo, quando descobre que é coxa, perde o interesse na moça, repentinamente. Neste momento da narrativa, faz uma pausa, e constrói um capítulo chamado "A borboleta preta": quando uma borboleta preta entra em seu quarto, ele a mata e logo em seguida sente remorso, mas por fim conclui que a culpa não era sua, e sim da borboleta, pois esta seria preta e não azul. Lembra-nos a criança na sua fase narcísica: tudo que é ruim, projeta no outro, pois é perfeita e, obviamente, não poderia ter cometido erros. O capítulo pode inclusive ser interpretado como uma relação direta com Eugênia: assim como a culpa da morte da borboleta era dela por ter nascido preta, a culpa de Brás não casar

com Eugênia seria dela mesma por ter nascido coxa, de acordo com o ponto de vista narcísico do personagem.

Daremos agora lugar à Virgília, a moça prometida a Brás Cubas juntamente com um cargo na política. Contudo, a entrada de Lobo Neves na narrativa, tira do protagonista o cargo e a noiva. É curioso reparar que isso não afeta o personagem, enquanto o pai fica tão abalado que o leva a adoecer e morrer. Leva-nos a pensar se, a libido do personagem, não está tão investida em si próprio, que não há abertura para investir em trabalho ou casamento, coisas que trazem um peso de responsabilidade significativa. Ao passo que a morte do pai também não abala o personagem, diferente da passagem de luto da mãe.

Pessoalmente, acredito que a perda do cargo e do casamento, não se deram apenas à chegada de Lobo Neves, visto que Brás Cubas sempre se mostrou desinteressado, e é possível que o pai de Virgília tenha percebido isso. Comparado com Lobo Neves, um homem cheio de sonhos e ambições, Brás Cubas sempre foi para qualquer direção que lhe fosse conveniente. “Assim como no inconsciente não há tempo, para Brás Cubas não há futuro” (DUNKER, 2018, p. 131). Um emprego político tão importante e, um casamento que vem com muitos compromissos, seriam muito para um sujeito mimado como Brás Cubas. Assim como a criança em seu narcisismo só busca o prazer, também o fez nosso protagonista. O interesse em Virgília parece aumentar drasticamente quando ela volta para a cidade já casada, levando Brás Cubas a se apaixonar pela moça. Lembrando um pouco de Marcela, a moça do início da narrativa, o interesse nela parecia vir do fato de vários rapazes a cobiçarem, e de forma a se mostrar melhor, conquistou-a com dinheiro. Assim como Marcela era desejada por outros, já casada, Virgília também tinha uma representação semelhante, pois de fato pertencia a outro homem.

Podemos afirmar que possivelmente as escolhas objetais de Brás Cubas se deram por uma escolha narcísica dos seus objetos. De acordo com Hornstein (1989, p. 172 apud GOBBI 2008, p. 27) “quanto menor a discriminação Eu não-Eu, mais narcisismo há na eleição de objeto”. Gobbi (2008, p. 27), prossegue afirmando que “quando a função que o objeto cumpre é muito importante para a manutenção da autoestima ou da identidade do Eu pode-se dizer que é uma escolha predominantemente narcísica”. A relação que se pode fazer com a obra é na passagem de Marcela, quando Brás ainda era jovem. Marcela era considerada belíssima entre os rapazes da época, e quando Brás Cubas conquista-a - mesmo que por meio dos bens materiais - vive para suprir os caprichos da moça, com medo de perdê-la. Quando a chama para viver com ele na Europa, ela nega, o que leva o jovem a ter uma crise nervosa; logo em seguida arrepende-se e ajoelha-se aos pés da moça, aos prantos. Pode-se supor que Brás Cubas não a amava pelo que era, mas pelo símbolo da conquista pessoal que representava para o rapaz e, a sua negação em relação a um convite feito por ele, representava uma rejeição a ele próprio, mesmo que os motivos da moça não o acompanhar não o envolvessem. Também com Virgília, pois quando esta era prometida em casamento a ele, não havia interesse. Uma

vez que ela se casa com outro, a sensação de conquista que o protagonista sente ao se envolver com a moça é maior. Brás, relaciona-se com a traição tão profundamente, que vive unicamente para isso, e só passa a buscar um trabalho na política de fato, quando Virgília se muda com Lobo Neves. Aqui, podemos identificar a pequena discriminação Eu não-Eu acima citada, uma vez que não existe Eu nessa relação, pois Virgília tem a sua família e sua vida fora da traição, e isso não acontece com Brás.

Brás não se trata de um paciente na clínica, por isso, o intuito desta relação com o narcisismo não foi diagnosticá-lo, mas sim, apontar características narcísicas na obra num geral, a fim de melhor entender o conceito e aprofundar possíveis interpretações da narrativa.

Conclusões

É possível afirmar que os objetivos antes formulados durante a elaboração do projeto foram atingidos, com exceção da relação do luto vivido por Brás Cubas com o narcisismo, tema este que ainda está em andamento na pesquisa, para ser inserido posteriormente no capítulo de análise da obra. O objetivo geral se tratava de compreender a função do narcisismo para a dinâmica psíquica, e, por conseguinte, elaborar um diálogo conceitual com a obra Memórias Póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis. Exploramos o conceito de narcisismo no segundo capítulo juntamente com seus subtópicos propostos, sendo eles a relação entre objetos, luto e o narcisismo, para que, posteriormente, tais conceitos fossem relacionados com alguns trechos da narrativa no terceiro capítulo.

Agradecimentos

Agradeço aos meus orientadores pela presença, apoio e compreensão durante a realização desta pesquisa. Como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPQ), agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo apoio para a realização deste estudo.

Referências

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das letras, 1914/2010. p. 13-50.

DUNKER, C. I. L. Narrativas de sofrimento em Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 6, p. 128-137, jun. 2018.

GOBBI, A. S. O narcisismo na clínica contemporânea. **Psicanálise e Transdisciplinaridade Contemporânea**, Porto Alegre, n. 06, p. 24 - 35, abr/mai/jun 2008.

30º Encontro Anual de Iniciação Científica
10º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



11 e 12 de novembro de
2021